

O ENFERMEIRO COMO COORDENADOR DE GRUPOS: CONTRIBUIÇÕES DA DINÂMICA DE GRUPOS

FERNANDES, Carla Natalina da Silva¹; **MUNARI**, Denize Bouttelet²

Palavras-chave: Processos grupais, Enfermagem

1. INTRODUÇÃO

O homem desempenha suas atividades vitais, essencialmente, em grupos. Nesse sentido, percebemos a força da natureza gregária do homem na construção do cotidiano. Desde suas mais remotas origens o homem agrupou-se não só para defender-se dos perigos naturais, mas para instrumentalizar seu domínio e poder sobre grupos rivais (OSÓRIO, 2000).

Deste modo podemos dizer que a sociedade é fortemente influenciada pelo conjunto das relações entre os seres humanos e seus componentes, constituindo assim as relações entre eles e a dinâmica dos processos de interação entre grupos, o que norteiam a convivência das pessoas.

Na enfermagem essa forma de organização é evidente, pois todo o trabalho é desenvolvido por um grupo, como por exemplo, na execução de trabalhos educativos com a comunidade e com profissionais de enfermagem, durante a passagem de plantão, na coordenação da equipe multidisciplinar, na formação de pessoas durante o processo educativo, no cuidado a saúde das pessoas por meio de atividades grupais.

A utilização do grupo como recurso para trabalhar com pessoas e para pessoas exige dos profissionais um conhecimento específico, para atender eficientemente as necessidades, sem causar danos às pessoas envolvidas. A sistematização desse conhecimento no campo da ciência data do início do século XX, quando ocorreram as primeiras experiências no campo terapêutico utilizando atividades grupais, que foram registradas e, a partir daí, houve um crescente investimento nesta área (ZIMERMAN, 1997; MUNARI e RODRIGUES, 2003).

Dessa maneira, para exercer esta atividade o profissional precisa conscientizar-se das várias circunstâncias e situações que poderá encontrar no cotidiano, devendo conhecer os movimentos grupais e as formas básicas de manejo dos diferentes grupos. Para isso deve também desenvolver o seu auto-conhecimento, exercendo uma visão crítica sobre si e o papel que desempenha nos grupos sociais (MUNARI e RODRIGUES, 2003).

Preocupados com a formação do enfermeiro enquanto pessoa capaz de fazer uso de atividades grupais no trabalho vários pesquisadores (LOOMIS, 1979; MUNARI et al 2005; SILVA et al, 2003; SPADINI e SOUZA, 2006; SIMÕES e STIPP, 2006) dedicam-se ao estudo e aplicação do recurso grupal para o desenvolvimento dos profissionais de enfermagem.

Este movimento vai ao encontro das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Enfermagem (BRASIL, 2001), que indicam no item V, que discorre sobre a organização do curso, que na estruturação

¹ Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós graduação em Enfermagem Mestrado da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES. e-mail: carla_natalina@yahoo.com.br

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. e-mail: denize@fen.ufg.br

do curso de graduação em Enfermagem deve ser assegurado “o estímulo às dinâmicas de trabalho em grupos por favorecerem a discussão coletiva e as relações interpessoais”. Essa proposição parece indicar que o enfermeiro deve ser instrumentalizado para o trabalho com grupos, especialmente, por este favorecer a compreensão do aspecto dinâmico das interações humanas, mas, sobretudo pela possibilidade de criar condições para as mudanças em saúde (MUNARI e FERNANDES, 2004).

Assim percebemos que de forma crescente, a Enfermagem busca se apropriar destes conhecimentos para fortalecer sua prática e a construção do saber referente ao manejo dos grupos humanos, atentando ao fato de que esse processo é contínuo. No entanto os investimentos realizados pelos enfermeiros ainda são pequenos frente à complexidade da temática.

A partir da década de oitenta surgiram publicações sobre atividades grupais realizadas por enfermeiras, mas, os conteúdos dos trabalhos apontam que o preparo deste profissional para realizar a coordenação dos grupos é pouco consolidado teoricamente, sendo pouco valorizado o seu ensino na graduação em Enfermagem. (MUNARI e RODRIGUES, 2003; GODOY, 2004; MUNARI et al, 2005).

Estudo realizado por Silva e Corrêa (2002) revela que apesar da prática profissional em saúde apontar para a necessidade de atuar interdisciplinarmente, a formação acadêmica do enfermeiro apresenta lacunas quanto ao exercício do trabalho grupal. Assim, as autoras sugerem o repensar e o resgate da compreensão da complexidade das relações humanas, envolvendo as dimensões políticas, institucionais e interpessoais.

Esses fatores estimularam o nosso investimento nesta pesquisa, que suscitou os seguintes questionamentos: Quais os desafios que o enfermeiro tem para realizar a coordenação de grupos? De que maneira a apropriação de uma orientação teórica e filosófica pode modificar a atuação do enfermeiro nos grupos? Quais as contribuições da Dinâmica de Grupos que teve como precursor Kurt Lewin (1948) podem oferecer ao profissional enfermeiro? O domínio teórico é importante e garante até que ponto a utilização adequada do recurso grupal? Quais fatores são desejáveis para que um enfermeiro realize para coordenar grupos?

Para isso o presente estudo tem como **objetivo** discutir à luz da Dinâmica de Grupos o papel do enfermeiro como coordenador de grupos, suas possibilidades e limitações.

O **desenho deste estudo** foi organizado como uma investigação teórica descritiva - analítica, desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, que consiste no exame do material escrito guardado em livros, artigos e documentos para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto escolhido como tema de pesquisa e que podem ser utilizados como fonte de informação. Diversos autores apontam que as fases deste tipo de pesquisa incluem a escolha do tema, determinação dos objetivos, elaboração do plano de trabalho, identificação e localização das fontes, leitura do material, tomada de apontamentos, análise e interpretação para redação do trabalho (GIL, 2002; MARCONI e LAKATOS, 2003).

A escolha dos teóricos se deu na medida em que esses são considerados clássicos para a compreensão e aplicação da Dinâmica de Grupo, portanto norteiam a prática, pesquisa e aplicação de fundamentos no que se referem as diferentes abordagens para a compreensão da dinâmica e funcionamento dos grupos. Dentre eles estão, Lewin (1948); Bion (1975) e Mailhiot (1981), no entanto para a discussão

teórica serão utilizados os estudos elaborados por pesquisadores da atualidade e também com enfoque voltado para a saúde e Enfermagem.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estruturação dos resultados da pesquisa foi concebida na organização do estudo em três capítulos que discutiram fundamentalmente a compreensão da Dinâmica e Funcionamento dos Grupos; a coordenação de grupos e suas implicações para o trabalho do enfermeiro bem como a discussão sobre os rumos da coordenação de grupos em enfermagem.

Os capítulos são intitulados: Capítulo 1. Dinâmica e Funcionamento de grupo: conceitos e fundamentos; Capítulo 2. Coordenação de grupos à luz da Dinâmica de grupos; Capítulo 3. O enfermeiro como coordenador de grupos: discutindo caminhos para a atuação.

No momento atual, desenvolvemos o primeiro capítulo e estamos trabalhando os outros dois. No presente resumo descreveremos o conteúdo destes.

Sobre a Dinâmica e Funcionamento de grupos trazemos os principais conceitos e fundamentos, como o que concebe o grupo humano em uma nova entidade, com regras e mecanismos próprios nos quais, ao mesmo tempo em que respeita a individualidade de cada membro, desenvolve a sua estrutura. Assim, é uma unidade que se comporta como totalidade, na qual estão envolvidos muitos fenômenos que foram alvos de estudos por várias gerações (FONSECA, 1988).

Deste modo o conceito de grupo não deve se restringir a algo estático, nem só baseado na experiência real dos membros, naquilo que é aparente. Ao contrário, ele se constitui nas diversas representações grupais construídas por diferentes autores e perspectivas teóricas que compõem uma complexa dinâmica de funcionamento que pode ser observada de vários ângulos e aspectos.

Isso mostra que para compreender a dinâmica do funcionamento grupal é desejável levar em consideração vários aspectos, como os que dizem respeito aos objetivos do grupo, organização, estruturação física, estruturação mental, processo de integração grupal, contrato grupal, entre outros que permitem a integração da dimensão razão e emoção. Na verdade o que propomos é analisar e compreender o processo de formação e desenvolvimento do grupo por vários olhares e abordagens para entender os diferentes fenômenos que ocorrem no espaço grupal e suas conseqüências em nível individual e social.

Nessa perspectiva, discorreremos sobre a dinâmica dos grupos humanos que poderá ser compreendida em sua essência, se levarmos em consideração as abordagens filosófica, antropológica, sociológica e psicológica, já que toda essa complexidade é inerente ao ser, estar, conviver, pensar, fazer e saber da humanidade (MARÉ, 1974; ROCHA e PADILHA, 2004).

O termo dinâmica de grupo foi pontualmente utilizado por Kurt Lewin na década de 30, a partir de pesquisas realizadas principalmente no Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupos (*Research Center for Group Dynamics*) no *Massachusetts Institute of Technology* (M.T.I.), com estudos voltados essencialmente para a psicologia social (MAILHIOT, 1981). Para Lewin (1948) um fenômeno de grupo só se torna inteligível, quando se consegue praticar neste fenômeno o que ele chama de cortes analíticos sociais e concretos, de prospecções verticais. Em outras palavras, o pesquisador pode conhecer sua a dinâmica essencial dos grupos, tentando atingi-los em sua totalidade concreta, existencial, não de fora, mas do interior, e na situação social em que ele ocorre ou se situa, no aqui e agora.

Também discorreremos sobre as concepções de outro importante estudioso dos fenômenos grupais, que foi Bion (1975), este por sua vez considera que quando o grupo se reúne para realizar uma tarefa dada, ocorrem, dois tipos de fenômenos em níveis diferentes: o nível da tarefa e o nível da valência ou da emoção. Classifica três supostos básicos para o desenvolvimento do grupo: 1. Dependência; 2. Luta-fuga; 3. Empareamento ou acasalamento.

No segundo capítulo tecemos uma discussão sobre as considerações dos teóricos no que se refere à coordenação de grupos, percebemos que, de modo geral, o tema é abordado de forma não pontual nas obras, o que exigiu um aprofundamento na teoria com vistas, a resgatar o papel do coordenador de grupos. Temos o cuidado de não criar uma regra geral ou receita para o desempenho desta função, mas delinear os apontamentos desejáveis para se realizar uma coordenação de grupo responsável e amparada cientificamente.

No terceiro capítulo os apontamentos são construídos para unir a teoria da dinâmica de grupos no que se refere à coordenação desenvolvida no segundo capítulo à prática dos enfermeiros, no sentido de encontrar caminhos para nortear os profissionais que se deparam em situações dilemáticas nos grupos e não tem orientação teórica e filosófica para resolvê-las.

Quando o enfermeiro que atua na coordenação de grupos se apropria desses princípios tem melhores condições de compreender as vicissitudes e desafios que compõem o exercício da liderança, a aplicação das atividades grupais para o ensino, cuidado, pesquisa e gestão.

No entanto, a apropriação teórica, não significa garantia de sua adequada utilização, tendo em vista que atualmente percebemos a banalização do uso das atividades grupais por pessoas que atuam em diferentes instituições como ensino, saúde e religiosas, por exemplo. No geral, estas se amparam e leituras que priorizam o uso de técnicas, sem se deter no processo do grupo. Com isso, correm o risco da banalização, da exposição das pessoas a situações vexatórias o que pode levar os membros a desacreditarem dos recursos que o grupo pode oferecer no desenvolvimento da pessoa, porque ocorre a massificação das técnicas e dependência delas para coordenar grupos (ANDALÓ, 2001).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio para a atuação do enfermeiro que coordena grupos está em conscientizar-se do papel que desempenha junto às comunidades, da responsabilidade que suas ações têm na saúde daqueles que são usuários ou trabalhadores das instituições de saúde e de ensino, porque a práxis de coordenação envolve o conjunto de habilidades técnicas científicas, um amplo conhecimento das relações interpessoais, podendo ser ancoradas na teoria de dinâmica de grupos além do desejo de contribuir para o desenvolvimento das pessoas no mundo, usando também a sua sensibilidade e criatividade. Para isso é necessário o investimento das instituições formadoras, sobre a importância desse tipo de investimento durante a vida acadêmica, para que os profissionais sejam capazes de transformar a prática e atender as demandas em saúde.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDALÓ, C. S. A. O papel de coordenador de grupo. Psicologia USP, v. 12, n.1, p.135-152, 2001.
2. BION, W.R. Experiências com grupos. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

3. BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília (DF); 2001. Disponível em: URL: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/113301EnfMedNutr.doc> Acessado em 13 jun 2002
4. FONSECA, A.H.L. Grupo: fugacidade, ritmo e forma. Processo de grupo e facilitação na psicologia humanista. São Paulo. Agora, 1988.
5. GIL, A. C. Como elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
6. GODOY, M.T.H. Análise da produção científica sobre a utilização de atividades grupais no trabalho do enfermeiro no Brasil: 1980 a 2003. [Dissertação]. Goiânia (GO): Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, 2004.
7. LEWIN, K. Problemas de dinâmica de grupo. São Paulo: Cultrix, 1948.
8. LOOMIS, M. E. Group process for nurses. Saint Louis: Mosby; 1979.
9. MAILHIOT, G. B. Dinâmica e gênese dos grupos. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
10. MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo (SP): Atlas; 2003.
11. MARÉ, P.B. Perspectivas em psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro: Imago editora, 1974.
12. MUNARI, D.B.; FERNANDES, C.N.S. Coordenar grupos: reflexão à luz das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Rev Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre, v.25, n. 1, p. 26-32, abr, 2004.
13. MUNARI, D.B.; ROCHA, B.S.; NUNES, D.S.; MEDEIROS, M. O Ensino da Temática de Grupo nos Cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil. Rev Gaúcha Enferm, Porto Alegre, v. 26, n.2, p. 220-230, ago, 2005.
14. MUNARI, D.B.; RODRIGUES, A.R.F. Enfermagem e Grupos. 2ª ed. Goiânia: AB Editora, 2003.
15. OSÓRIO, L. C. Grupos: teorias e práticas acessando a era da grupalidade. Porto Alegre (RS): Artmed, 2000.
16. ROCHA, F. E. C.; PADILHA, G. C. Agricultura familiar: dinâmica de grupo aplicada às organizações de produtores rurais. Planaltina (DF): Embrapa Cerrados, 2004.
17. SILVA, A. L. A. C.; MUNARI, D. B.; LIMA, F. V.; SILVA, W. O. Atividades grupais em saúde coletiva: características, possibilidades e limites. Revista de Enfermagem da UERJ. v.11 n.1, p 18-24, jan/abr, 2003
18. SILVA, K. M. C.; CORRÊA, A. K. O trabalho em grupo: vivências de alunos de enfermagem. Rev Bras Enferm, Brasília, v. 55, n. 04, p. 460-465, jul/ago. 2002
19. SIMÕES, F.V.; STIPP, M.A.C. Grupos na Enfermagem: classificação, terminologias e formas de abordagem. Esc Anna Nery R Enferm, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 139-44, abr, 2006.
20. SPADINI, L.S.; SOUZA, M.C.B.M. Grupos realizados por enfermeiros na área de saúde mental. Esc Anna Nery R Enferm, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 132-8, abr, 2006.
21. ZIMERMAN, D.E.; OSÓRIO, L. C. (org). Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.